

PANKARARU



PARAÍBA

PERNAMBUCO



KARAPOTÓ PLAKI-Ô



KARIRI-XOCÓ

ALAGOAS



XOKÓ

SERGIPE

BAHIA

PERCURSOS CARTOGRÁFICOS MOVIMENTOS INDÍGENAS NO NORDESTE

PATAXÓ HÃHÃHÃE



TUPINAMBÁ



PATAXÓ DE BARRA VELHA



PATAXÓ DE CUMURUXATIBA



COSTA DA INVASÃO



(orgs.) Bruno Tarin, Jaborandy Yandé Tupinambá e Laila Sandroni

PERCURSOS CARTOGRÁFICOS: MOVIMENTOS INDÍGENAS NO NORDESTE

2015

-  XOKÓ 4
-  PANKARARU 8
-  PATAXÓ DE BARRA VELHA 12
-  TUPINAMBÁ 16
-  PATAXÓ HÃHÃHÃE 20
-  KARAPOTÓ PLAKI-Ô 24
-  KARIRI-XOCÓ 28
-  PATAXÓ DE CUMURUXATIBA 32

Realização



THYDÊWÁ

Apoio



Prêmio Memórias Brasileiras



ibram
instituto brasileiro de museus

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ALGUNS PONTOS SOBRE O PERCURSO

O conteúdo deste volume foi gerado a partir da experiência vivida no contexto do processo de implementação inicial da rede Pontos de Cultura Indígenas (PCIs) do Nordeste, gerida pelo Pontão de Cultura Viva da ONG Thydêwá, através do Convênio Mensagens da Terra junto ao Ministério da Cultura. A organização da cartografia foi feita por Bruno Tarin, Jaborandy Yandé Tupinambá e Laila Sandroni, a partir do nosso caminhar por um longo percurso entre trilhas e aldeias do sertão à zona da mata. Todas as falas e textos organizados neste volume são fruto das trocas ocorridas no momento específico de cada comunidade na nossa passagem. Da mesma maneira, estas trocas foram marcadas pelas mediações inerentes às possibilidades e contingências do trabalho proposto no contexto de gestação e nascimento dos PCIs do Nordeste.

Ao longo do nosso percurso fomos desenhando junto aos PCIs uma cartografia afetiva, com o desejo de trazer à tona e colocar em movimento aspectos da vida de cada comunidade que poderiam, por um lado, ajudar o Ponto a prosperar ou, por outro, se colocar como barreiras e desafios para este desenvolvimento. Esta cartografia procura, assim, ser uma ferramenta produzida em comum entre diferentes sujeitos para a criação de territórios habitados por encontros capazes de fortalecer os PCIs do nordeste e a rede que os interliga.

As páginas que você vai percorrer a seguir são produto de uma atividade que teve como princípio a valorização do próprio caminhar, desde rodas de conversa, até momentos de silêncio e segredos, de cheiros à sabores, ou seja, pela troca de experiências vivenciada nas aldeias. Não temos, entretanto, a pretensão – e mesmo que tivéssemos não seria possível – de apresentar todos os passos dados e momentos compartilhados. Optamos por privilegiar, para a organização deste livro, a diversidade de vozes e temas, sempre valorizando recortes territoriais, étnicos e também a visão dos indígenas através do recorrente uso de citações.

A cartografia é formada por oito partes, sendo cada uma delas referente a um povo, aldeia e Ponto de Cultura diferente. Cada uma destas partes está organizada em três momentos distintos: uma introdução composta por um desejo em relação ao PCI; um segundo momento constituído exclusivamente por transcrições de falas sobre elementos que possam fortalecer ou enfraquecer os PCIs; e uma terceira e última parte onde não há uma autoria ou distinção clara de quem fala, na qual se desenvolve um texto sobre potentes e variadas formas de luta. Este é o momento onde se misturam citações diretas e indiretas com textos dos organizadores, criando uma linguagem híbrida e polifônica, que só foi possível a partir do encontro ocasionado no desenvolvimento deste trabalho.

Acreditamos que a cartografia aqui apresentada dialoga diretamente com o outro volume desse livro, afinal, em nossa visão, quando nos referimos a indígenas no nordeste, não é possível separar os contornos políticos das relações étnicas. Trata-se, prioritariamente, de reconhecer que cultura e ação política caminham lado a lado, se alimentando e transformando mutuamente. Viver a cultura é um ato eminentemente político, como fica claro nas palavras de Joel Braz Pataxó: *"Houve no passado várias formas que os nossos antepassados lutaram. Eu analiso sempre as formas de resistência que os nossos antepassados resistiram pra continuar com o costume, com a língua, com a dança, as formas de se alimentar, a necessidade de ter a caça, de ter os mariscos, de ter o peixe, pra manter esse costume que também faz parte das formas de resistência da vida do índio."*

Dessa forma, reconhecer que cultura e ação política no nordeste estão interligadas, significa reconhecer também que os movimentos de luta e sua memória são, especialmente ali, alicerces das formas de vida indígenas contemporâneas. Afinal, na região, os indígenas se encontram, faz bastante tempo, em intenso fluxo de trocas com populações não-indígenas, de cunho econômico, político e cultural, e no bojo deste processo passaram (e ainda passam) por dolorosos regimes de opressão de suas práticas e formas coletivas de organização social. Portanto, não é por acaso que a grande maioria das histórias contadas sobre o passado são sobre conflitos e vitórias, sobre guerreiros e guerreiras que lutaram pela liberdade de viverem seus costumes ancestrais. Hoje, reside tanto na memória quanto na invenção de novas formas de luta, tanto na ação política quanto nas práticas culturais, o reestabelecimento de um ambiente propício à reprodução da vida indígena na terra. Uma vida que é simultaneamente a ponta de lança dos processos de transformação contemporâneos e expressão das ciências e mistérios ancestrais. Futuro, passado e presente se fundem na força indígena.

Por último, gostaríamos de afirmar que este texto sobre o percurso cartográfico, assim como a própria cartografia, não tem nenhuma pretensão universalizante a não ser a própria manifestação de uma experiência que ao ser narrada pode ajudar a criar outras, novas. Mesmo porque, este trabalho não se resume aos conteúdos deste volume, e também não está centrado, somente, na experiência de quem o produziu. Contudo, queremos explicitar nossa gratidão a todos que colaboraram diretamente nessa empreitada, principalmente a todos os indígenas Pankararu; Kariri-Xocó; Karapotó Plaki-ô; Xokó; Pataxó de Barra Velha; Pataxó da Aldeia Dois Irmãos; Tupinambá e Pataxó Hãhãhãe que nos acolheram e dedicaram seu tempo compartilhando conosco este caminhar. Este percurso foi, até aqui, percorrido por nós, mas nosso desejo é que, a partir do seu encontro com esse material, se abram novas trilhas para que sejam produzidos outros percursos e novas cartografias.



“A juventude como parte integrante que compõe o Ponto de Cultura tem uma importância muito grande dentro da nossa comunidade. Agora é a nossa vez de tomar a frente, porque os nossos parentes mais velhos já estão cansados. E é uma forma também de estar incentivando os outros jovens a estar fortalecendo a nossa cultura. Porque os mais velhos já fizeram seu papel e nós jovens temos que fazer o nosso papel agora no presente, para poder transmitir os nossos conhecimentos para as nossas crianças, que futuramente é quem vai dar continuidade à nossa cultura.”

Jaciara

Um povo sem cultura é igual a rabo de camaleão

“Infelizmente o nosso mundo é muito capitalista, e as pessoas estão esquecendo do maior bem que existe, que é a cultura. Eu aprendi na minha aldeia que um povo sem cultura é um povo sem história. Não existe nenhum tipo de povo que não tenha história, que não tenha cultura. E se você tem história, você não pode se perder no mundo lá fora e esquecer do seu maior bem. Isso é de fundamental importância: você reconhecer e valorizar aquilo que você tem. (...) Um povo sem cultura é um povo sem história, é um povo que só vive. Igual a rabo de camaleão. Se você cortar o rabo dele ele vai ficar se movimentando, e não tem vida, mas vai se manter se movimentando. Então eu vejo essas pessoas que pensam dessa forma, que só pensam em riqueza e em dinheiro, é como se fosse isso uma rabo de um lagarto, só movimentando sem vida.”



Franklin

Todo mundo bebia, comia, calçava e vestia na panela

“Panela de asa, panela de beíço, pote, frigideira, cuscuzeiro, fogareiro, todo tipo de panela, todos os tipo de chaleira, quase todos os tipos de panela eu faço. E tinha também a forma pra fazer a panela que se chamava o caco, que colocava o bolo de barro dentro pra poder formar a panela. Aí depois no outro dia rapava, colocava no sol no final da semana pra secar, isso na sexta-feira, quando era no sábado, botava pra fora pra secar e arrumava pra queimar. Aí nós ia no mato pra pegar lenha pra poder arrumar



Creuza

as panelas e cobrir elas todinha de lenha, pra que não ficasse nem uma brechinha assim, pra num ficar as panelas crua, tinha ficar tudo queimadinho. Aí depois de queimada quando era no domingo a tarde colocava pro rio, que ia pra Pão de Açúcar nas canoinha pequena. A gente levava nas canoinha pra vender em Pão de Açúcar. Aí depois de vender as panelinha é que nós ia comprar uma farinha, um arroz, um feijão, um café, um açúcar. (...) Tenho orgulho mesmo demais de ter aprendido essa profissão só vendo a minha mãe fazer. Não precisou tá dizendo: 'faça isso, faça aquilo'. Eu aprendi, e quase todo mundo lá nesse nosso tempo fazia, porque a profissão era essa mesmo, não tinha emprego. A profissão era a panela. Todo mundo bebia, comia, calçava e vestia na panela.”



“A cerâmica foi a principal renda dos Xokó nos momentos mais difíceis, mas está esmorecendo. Há ainda algumas louceiras que poderiam ensinar as meninas. E a gente quer que isso aconteça.”

Karine

O rio São Francisco virou um prato raso

“Eu não vi democracia nessa coisa da transposição do rio São Francisco. Teve reunião só pra avisar dos impactos que aconteceriam, já com o projeto pronto. As lagoas, que eram uma importante fonte de renda pra comunidade, onde era plantado o arroz, secaram, e a gente só ficou sabendo disso depois. O rio virou um prato raso, continua grande mas não tem fundura. Não dá pra andar de barco pra todo lado mais, os peixes estão acabando. E quem vai ser beneficiado lá não é o pobre, é o grande pra produzir. Aí eles pegam um ou dois pobrezinhos pra fazer propaganda da transposição.”



Cacique Bá





Não tem nada melhor que não ser mandado

“Eu trabalho com o plantio porque a gente trabalha pra nós mesmo. Você se mata de estudar e depois vai ser mandado pelo governo. E quando você trabalha na terra você faz o que quer quando você quer. Não tem nada melhor que não ser mandado. E me deixa muito triste que os jovens saem pra ser mandado lá fora. Os nossos pais lutaram muito pra conseguir essa terra pra gente trabalhar pra gente. Mas tem as dificuldade, o inverno aqui é muito curto, só dura dois meses, e no verão não basta pegar água do rio pra molhar, porque o chão fica muito quente e a planta morre. Por isso tem que ter muita força de vontade mesmo, porque sempre dá pra dar um jeito.”

Franklin

Por conta da luta, da vida, do sofrimento, a gente tá sempre no balaio

“Bingo é a união da comunidade para ajudar alguém em momentos de dificuldade. Cada um dá um alimento pra fazer um balaio, pra fazer o prêmio, pra juntar dinheiro para ajudar alguém que esteja passando necessidade. Isso acontece também as vezes só pra divertir e aí o dinheiro fica pra igreja ou pra alguma coisa que a comunidade precisa.”

Jaciara

“Pra ajudar alguém da comunidade que tá necessitando de algum dinheiro, tá doente ou tá sem condições, vamos ajudar? Vamos! E o que a gente precisa fazer? Vamos fazer um bingo. Aí a gente compra as cartelas do bingo e sai vendendo de casa em casa. Aí quando o povo não tem dinheiro pra dar a gente pega de mantimento. O dinheiro que a gente arrecada é pouco mas já dá pra comprar outras coisas que o pessoal não costuma dar pra colocar no bingo, aí a gente compra as outras coisas e forma o balaio. Do balaio, a gente vamos pra frente da igreja e vamos jogando o bingo pra arrecadar mais dinheiro, aí o povo dá mais dinheiro, arrecada o dinheiro e entrega à pessoa que tá necessitando, doente. (...) Porque dizem assim: 'a comunidade é uma comunidade rica'. Realmente, a gente somos uma comunidade rica, rica sim, porque a gente somos unido, a gente tem união.

Quando um precisa todos caem em cima. Aí vamos todo mundo ajudar, e todo mundo ajuda. (...) Mas a gente sofremos muito, e por conta da luta da vida do sofrimento e de tudo a gente sempre aí, sempre no balaio!”

Edvalda

TRANSFORMANDO SOFRIMENTO EM ALEGRIA

A partir da década de 1970 os Xokó passaram por um intenso processo de conflito na luta por seu território, que teve como marco principal a retomada da Ilha de São Pedro, ilha fluvial em meio ao rio São Francisco que é reconhecida pelos Xokó como morada de seus antepassados. Após a retomada, um processo bastante particular ocorreu, ao invés de ocupar as casas dos seus antigos opressores, os Xokó acharam por melhor destruir as construções das fazendas para usar os destroços na criação de suas novas casas. Dessa maneira, as áreas que antes representavam o poder dos fazendeiros, hoje são apenas ruínas. As formas de habitar e produzir dos fazendeiros foram abandonadas e a área que antes era cercada, hoje se encontra livre, sendo utilizada para o cultivo de plantas e a criação de animais soltos. Na sede da antiga fazenda, atualmente, há apenas o chão e um pedaço da escadaria do que um dia foi uma imponente fachada, memórias de um tempo de intensa opressão. Como coloca Franklin, destruir esta casa grande foi fundamental no processo de construção da nova vida Xokó na volta ao seu território:

“A sede foi destruída por dois motivos, não sei qual é o mais forte. Primeiro por causa da necessidade de material de construir na ilha que a gente não tinha nada no momento da retomada, e depois a vontade de destruir o símbolo de todo aquele sofrimento.” *Franklin*

Os Xokó utilizando-se materialmente daquilo que um dia significou somente impedimentos e perseguições, construíram as fundações de um viver mais livre, residindo no desejo de liberdade uma forma de lutar capaz de, em um só e único movimento, desconstruir o sofrimento ao mesmo tempo que reconstruir a alegria. Estando na ilha de São Pedro é possível sentir essa energia e como disse Apolônio a conquista do território Xokó é vivida e celebrada todos os dias. Os Xokó, hoje, têm o orgulho de dizer que podem caminhar de cabeça erguida:

“O povo Xokó tem essa alegria de dizer para os nossos parentes, pra nossos irmão e para a sociedade dita civilizada que o povo Xokó venceu, que o povo Xokó é vencedor. Conquistamos nosso território, conquistamos nossa autonomia, conquistamos nossa liberdade. Hoje somos um povo que andamos de cabeça erguida sem olhar pra trás.” *Apolônio*



“O nosso Ponto de Cultura fica na aldeia Brejo dos Padres, pra nós poder afirmar a nossa identidade, na parte dos nossos rituais, da pintura corporal, e também a gente buscar melhorias para o nosso povo Pankararu. Na parte política interna, na política do governo, a gente sempre buscamos o melhor para a nação Pankararu. E o Ponto de Cultura é muito importante para nós, pra gente poder divulgar a nossa cultura, e também falar da parte do meio ambiente, também falar dos nossos plantio, das colheitas. Não só dentro da nossa cultura, dos rituais, do toré, dos toantes, da pintura corporal, dos nossos plantio, mas que dentro de nós tem um cruzamento de saberes muito importante. Dentro dessa diversidade cultural a gente também foca muito a nossa tradição. Porque se a gente convive hoje no meio de três cidades, que é Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, a gente tem que ser forte, tem que ser guerreiro pra dar continuidade à nossa tradição.”

Atiã

O mistério tirado da natureza

“O croá é uma planta nativa aqui do território que tá difícil de achar, a gente tem que comprar em Alagoas ou então pega nas roça e mato que tem perto de Petrolândia fora do território Pankararu. O Croá é como um agave que só dá dentro da mata onde fica mais frio. Eu tentei plantar em casa mas não deu certo, o croá precisa da mata.”

Dedé

“Essa planta que chama croá, ela serve pra vários tipos de peça de material de cultura indígena. Primeiro nós precisa preservar um pedaço de terra muito grande dentro da natureza que tenha croá, sem ser desmatada, pra não acabar. Porque ela serve (...) pra fazer um terno, uma roupa pra o índio fazer suas festividades indígenas. Por exemplo, o pajé diz: 'Tem uma festa hoje gente!' Aí se junta 10, 12, 15 20, 40, 60 índios e diz: 'vamos festejar?' Vamos! Vamos fazer uma garapa, vamos fazer uma brincadeira, um toré... ah! Mais precisa das roupas do índio! Então busca dentro daquela casa, dentro daquela oca que está ali, leva oito, dez homens pra lá, eles vão trocar ideia, e

quando vem, já vem outra característica! Lindo para se mostrar! Que roupa é essa? Ela é tirada da natureza, se chama croá. É essa roupa que eles mantêm esse segredo deles, é ali que está o mistério daquela roupa. Que roupa é essa? Como é que se chama? Se chama uma roupa indígena feita do croá. É um terno que se chama um folguedo. O índio, hoje aqui, chama de praiá, mas não é um praiá, é um folguedo. E o que é que tem nesse folguedo? Pra o índio tem muita coisa! Pra eles é o santo que eles adoram.”

Seu João Gouveia



Jaci

“200 a 250 fardas de praiá é muita matéria para fazer. Já tamo pegando fora porque aqui não tem mais. E o projeto de plantar tem que ser grande porque demora 5, 6 anos para dar, e se a gente não fizer agora daqui 10 anos não vai ter mais. Como muitas coisas estão desaparecendo, o croá vai desaparecer.”

Foi o índio que criou a inteligência

“Nós índios quando nós foi descoberto, quer dizer, que diz que nós foi descoberto, mas nós não estava coberto, estava livre e desimpedido. Quando o índio foi encontrado na selva, na natureza, os primeiros índios eram selvagens e eles viviam pela natureza. Mas eu tenho toda ciência do que eu estou falando, que não foi ninguém que ensinou o índio a fazer a rede de pesca, o anzol, a jangada, o cesto pra pescar, o litro pra pegar piaba, foi criado por eles. E aí quando ele foi sendo divulgado, que alguém viu, invejou o trabalho do índio. E quem foi essa pessoa que invejou o trabalho do índio? Foi o branco! O branco viu que a primeira navegação da água foi feita pelo índio, não foi pelo branco, porque a primeira pessoa que viveu na face da terra foi o índio.”

Seu João Gouveia

A agricultura de fundo de quintal é primeiro para se alimentar bem

“A agricultura comercial durante muito tempo, durante muitos anos, muitas décadas, ela vem evoluindo, agora essa evolução só degradando o nosso sistema ambiental, trazendo o pior pra população mesmo. Durante muito tempo, desde que o mundo é mundo também, a agricultura familiar ela vem passando por esses preceitos de evolução mas permanecendo o seu fator principal que é interagir com o meio ambiente, trazendo a questão de segurança alimentar pra população, pras pessoas que



dela sobrevivem, pra questão da saúde, pra questão também da educação, ela contribui muito pra isso coisas que a agricultura de forma convencional não traz, a não ser a degradação do próprio meio ambiente, trazendo pras pessoas a questão da discórdia. Onde se tem muito ganho se tem também briga. A gente tira pela questão das terras indígenas hoje dentro do nosso país, da questão do fator quilombola, sem terra, a gente vive uma briga constante. Tudo é decorrência desse fator da agricultura convencional: grandes invasões de terra, poucas pessoas produzindo e muita miséria também no mundo (...) e dessa agricultura a população pouco se alimenta. O olhar pra agricultura familiar é um olhar de base comunitária da própria população que ali reside, um olhar diferente, um olhar voltado principalmente pra questão ambiental, pro fator ecológico, a questão da saúde das pessoas, é um olhar totalmente diferente da agricultura convencional."



Iran

"A importância de uma horta no quintal da casa (...) é a seguinte: porque muitas vezes a pessoa se preocupa de ir na feira, em Pankararu agora nós criamos uma feira, todos os domingos tem aquela feira que você encontra de tudo, todo tipo de verdura. Mas você sabe o que está comendo?"

Miguel



Desconstruindo conceitos para construir outros

"Sempre a história vem nos descriminando, taxando como povo preguiçoso, como povo sem origem... E a gente tem que estar preparando pra estar desfazendo, e mostrando pra eles a nossa realidade. Muitos, porque veem no livro, que foi um autor famoso, considera que é certo. E a gente tem que ter conhecimento pra estar desconstruindo esse conceito e construindo outro. E conseguimos! (...) Nós buscamos sempre estar ampliando o material que nós recebemos do MEC com a nossa realidade. Sem deixar de trabalhar também o que o sistema cobra. O que a gente observa é que nossa responsabilidade é bem maior, porque além da gente buscar atender o que o MEC exige, a gente também quer atender às nossas necessidades."



Nazaré

RITUAIS: FARTURA E VIDA EM MEIO AO SERTÃO

Chama a atenção de qualquer um que visite os Pankararu a grande quantidade de rituais e festividades que acontecem cotidianamente na comunidade; todos com muita participação, alegria e fartura. Todas as semanas ocorrem muitos rituais para pagar promessas e ou agradecer aos encantados pelas graças alcançadas. Isto sem contar os rituais menores que muitas vezes são somente para poucas pessoas, e as grandes festividades tradicionais realizadas todos os anos, cada uma à sua época, como a Corrida do Umbu. Atiã relata a importância desses rituais:



"Nós indígenas estamos sempre cantando, sempre estamos louvando nossos tunã de caroá, que é os nossos encantados e os nossos mais velhos sempre estão passando, participando, afirmando cada vez mais. E hoje a tarde nós vai ter nosso ritual dos nossos praia, e amanhã também. Geralmente é sempre um dia de terça, um dia de quinta-feira, dia de sábado, dia de domingo... e também pra noite a gente faz as nossas cura, não tem dia nem hora. Adoeceu um índio Pankararu, seja ele velho, seja uma criança, um adolescente, um jovem a gente levamos pra nós fazer a nossa cura com os nossos encantados. E se for de fazer a cura aqui, faz dentro da aldeia, se não, leva pro homem da caneta que é o médico. E assim por diante a gente sempre estamos perto cantando, pisando nosso toré, cantando nosso toante e isso é parte do ser Pankararu."

Através das atividades espirituais os Pankararu vão entrelaçando intensas relações de reforço mútuo, solidariedade, amizade e aliança. Certa noite, Luciano destacou que a partilha é parte fundamental do cotidiano Pankararu, e que praticamente todos os rituais são muito ricos em comidas e bebidas, sendo parte essencial das atividades a oferta de pratos tanto para os encantados, como para todos os presentes. Desse modo, os rituais com sua ciência e força unem de maneira viva e resistente os Pankararu, costurando a trama que consegue, mesmo em meio à ríspida e severa aridez das privações que este povo suporta, gerar vidas repletas de fartura.



“O movimento indígena traz muita coisa pra nós índio, eu aprendi muita coisa. É andando que a gente aprende, em casa a gente fica só na correria. O movimento mostra pra gente que a gente é capaz, é uma aula. Se fosse pela FUNAI eu não ia saber reclamar de nada, hoje eu sei onde a gente tem que falar. O Ponto de Cultura também é pra isso, ensinar o nosso índio caminhar, com a internet a gente pode saber dos nosso direito. É andando que a gente aprende e assim a gente pode andar sem sair da base.”

Xahey

Temos por tradição lutar

“Se não haver luta o direito não é garantido. A gente sabe que o indígena no Brasil de modo geral, a gente enfrenta uma morosidade muito grande. E se a gente esperar que as autoridades reconheçam o direito que a gente tem, numa boa, como eu costumo dizer, de braço cruzado, realmente é difícil a gente alcançar os direitos que é constituído, direitos que é garantido na constituição federal e outros artigos de lei. Então, por isso, nós indígenas temos por tradição, costume, que já virou costume no Brasil, da gente lutar por aquilo que a gente quer, pelos nossos direitos.”

Essa terra somos nosso!

“A falta de hoje a gente ter muita agricultura é por falta do solo, falta de recursos que a gente não tem, falta da terra que a gente não tem. Hoje a maior parte das nossas terras estão na mão dos fazendeiros, estão na mão dos não-índios as melhores terras. Aqui dentro da nossa aldeia mesmo a maioria do nosso território na aldeia Barra Velha, é mussununga, é areia. Então as pessoas que tem área mesmo que dão plantação é daqui pra cima, das outras aldeias vizinhas pra cima, agora, na nossa aldeia mesmo, a maioria são areia. E a agricultura funciona também como artesanato, todos plantam porque eles precisam plantar porque é dali onde eles vão tirar o alimento, é dali eles vão garantir a alimentação, o manguti.”

Caxandó



Joel Braz

“A cultura é quando o ministro resolver entregar pra gente a terra que tá na mão dos ladrões. Eu hoje não tenho minha terra pra plantar minha mandioca pra fazer farinha, de puba, beiju, eu não tenho meu espaço pra fazer minha fogueira pra assar a mandioca e comer contando história. Isso é a minha cultura e essa terra somos nosso!”

Xahey

Mistura

“Todo mundo aqui tem dessa mistura. Eu tenho sangue Farrancho, eu tenho sangue Tupiniquim. Eram muitos povos que foram encontrados aqui na costa do descobrimento. A colonização foi fechando o cerco em torno dos índios e foi sobrando só alguns povos e esses já tinham um monte de mistura. Barra Velha foi um dos últimos redutos onde esses índios ficaram. Dessa mutilação toda só sobrou Pataxó, Pataxó Hãhãhãe e Tupinambá.”

Joel Braz

Só tem área verde onde tem índio

“Falando sobre o IBAMA, pela vontade deles, nós não tem acesso de nada ali dentro, nós não pode caminhar dentro, a gente não pode tirar nada, as sementes, buscar as sementes, buscar uma imbirá, buscar um cipó pra gente fazer nosso artesanato. E foi aí que nós levemos pra retomar o parque da mão do IBAMA, porque a gente não tinha a nossa liberdade, nós andava oprimido que não podia passar, que não podia usar o nosso material. Foi aí que nós levemos pra fazer o movimento no Monte Pascoal, mandar eles embora e nós retomar aquele local. E hoje nós temos a liberdade de entrar, nós passa de noite, passa de dia, dentro daquele local, sem cisma nenhuma. A gente hoje tem um acesso porque nós viu que foi preciso nós ir buscar, pegar nosso maracá, nossa tanga e ir prali, tomar o poder da mão deles, porque eles estavam querendo mandar em nós que somos nativos. (...) E se eles tentar proibir novamente, nós temos de voltar de novo, rasgar aquela rede de arame novamente, abrir ela pra nós passar.”

Xahey

“Só tem área verde onde tem índio, mas não é todo mundo que tem essa consciência. Nós indígena temos que começar a falar que a luta indígena é por todos, porque até o oxigênio que a gente respira vem das áreas indígenas.”

Joel Braz





Caça é um meio de sustentabilidade



“A caça ela faz parte da nossa cultura. Porque é uma coisa que foi desde os nossos antepassados, eles já tinham esse costume de poder fazer as suas caçadas. Caçar o seu tatu, o seu caititu, então isso já vem desde eles. Os nossos pais, os nossos tios já aprenderam isso com eles, a poder caçar e a pescar. Então desse conhecimento que os nossos pais que os nossos tios tiveram com os os nossos parente antepassados, com os nossos ancestrais eles já passaram isso pra gente, os que são mais jovens. Pegamos isso e acolhemos isso com eles, e hoje nós já aprendemos a poder caçar e a pescar e isso é um ponto forte de nós indígenas pra viver no dia a dia. A caça hoje é um meio de sustentabilidade pra nós indígenas. Nós caçamos, pescamos, nós vamos na mata pegar um tatu, mas é apenas pro consumo da própria família. Não é uma coisa que a gente vai caçar pra poder vender, pra vender pra fora não, é uma coisa que a gente faz pro consumo da família mesmo. A gente cata um peixe então vai ali reparte com o vizinho, compartilha cá em casa, às vezes o vizinho já não vai caçar, ele vai no mar porque uma atividade que ele não gosta tanto é de ir no mato fazer essa caçada, ele já vai no mar, pesca, já parte esse mäguti pra gente que é o peixe, e a gente que já gosta de caçada, de ir na mata pescar um peixe do rio, uma caça, já tira um pedaço do tatu já passa pra ele também. Então essa compartilhção que ocorre dentro da comunidade.”

Cauanã



“Criar nossas crianças com uma saúde melhor, porque essa saúde que hoje nós vive é através daquelas coisa que nós busca lá da prateleira, de lá de fora que causa muito problema de saúde nas crianças da gente, e a gente não quer isso! A gente quer que nós come o alimento, a carne, o peixe, de dentro do que somos nosso, porque ali é uma coisa sadia, um peixe, uma carne, natural.”

Xahey

A FORÇA DO ARTESANATO

Entre os Pataxó da aldeia Barra Velha é muito comum a dedicação ao artesanato, que ocupa um lugar marcante nas suas vidas. O artesanato é cultura, é ancestral, sendo assim também, e principalmente, um meio de resistência de determinadas maneiras de viver e lutar. Isto porque, além da importância ritual e decorativa herdada de seus antepassados, hoje, a venda do artesanato é fundamental para a sustentabilidade econômica da comunidade, bem como é uma parte importante de uma política de afirmação de sua etnicidade. O colar e o cocar são tão essenciais quanto o arco e a flecha na luta por direitos e pela afirmação da maneira indígena de se relacionar com o mundo. Como relata Caxandó:



“Hoje, se eu entrar em um certo local (departamento público) de calça e de gravata, as pessoas vão me ver como pessoa normal, mesmo se eu disser que eu sou índio, eles não vai acreditar, eles vai dizer: 'como é índio? Você tá engravatado, está com sapato.' Mas se eles me ver com um colar, com um cocar, com uma pintura eles vão dizer 'certamente, você é índio.' ”

Caxandó

O artesanato mais forte da aldeia Barra Velha são os colares, brincos e outros adereços feitos com sementes, dotados de formas complexas e grande beleza, enquanto outras aldeias produzem principalmente outras peças, como esculturas de madeira e cocares de pena. Devido a estas diferenças e à intensa relação de amizade e parentesco com as outras aldeias e povos do sul e extremo sul da Bahia, o artesanato de Barra Velha semeia uma complexa rede de trocas, que por sua vez fortalece as alianças entre os indígenas.

O artesanato é também uma parte fundamental da relação dos Pataxó de Barra Velha com a mata, pois a coleta dos materiais para a confecção dos artesanatos é uma das mais frequentes atividades nas áreas de floresta no entorno da aldeia. Mas nem sempre os indígenas tiveram o caminho livre para exercer estas atividades. Na fala de Xahey sobre o conflito com o IBAMA, fica claro que a visão do ambientalismo conservacionista que acredita em ilhas intocadas de natureza “virgem” muitas vezes estabelece de cima para baixo áreas cercadas de uso e acesso restritos, que se chocam drasticamente com as práticas da aldeia. Uma vez em Barra Velha, é muito comum escutar que a presença dos indígenas na mata não significa degradação, pelo contrário, significa a reprodução da comunidade e da própria mata, a floresta é espaço vivido, preñado de símbolos e traços da vida Pataxó.



“Cada ação, cada trabalho que seja feito no seu Ponto de Cultura, vamos divulgar pra nós mesmos, vamos fazer com que eles existam não só na comunidade onde tá sendo feito esse trabalho, mas pra todas as comunidades que fazem parte da rede de Pontos de Cultura. Que a gente possa criar através desse ponto uma estrutura que permita que a gente dialogue sobre a nossa realidade, sobre o nosso dia a dia, sobre as nossas vivências. E que cada ponto desse seja de fato uma estrutura de ação do seu povo, seja de fato uma estrutura que permita seu povo contar sua história, contar suas realidades, ajudar a poder resistir dentro das áreas de retomada, dentro do seu território tradicional. E que a gente faça ele pra gente, que ele tenha a nossa cara, que ele tenha o nosso jeito. É o que eu sonho, é o que eu gostaria muito que acontecesse com cada Ponto.”



Jaborandy

Toda Cultura se modifica



“A tecnologia já está nos ajudando muito quando divulga a nossa existência, quando divulga o que a gente faz dentro das retomadas, como é que se procede as retomadas, o que a gente quer com elas, o que a gente faz, o que a gente produz dentro das retomadas, o nosso plantio. Acho que a tecnologia vai levar essa imagem que eu não consigo. Eu não consigo chegar na presidente, mas a tecnologia leva lá, ela vai ver que a gente precisa da terra demarcada pra sobrevivência do nosso povo. (...) Então eu acho que a tecnologia faz parte da vida dos índios, porque se não fosse a tecnologia muita coisa passava abafada. Nós sofremos menos porque temos a tecnologia. Porque antigamente quando não tinha tudo era abafado. (...) Porque se fizer uma coisa comigo agora, agora mesmo já tá no mundo todo! Então eu acho que todos os povos indígenas deveriam agradecer a tecnologia porque ela veio nos ajudar, nesse momento difícil, e no momento bom também, na divulgação da nossa situação hoje. Nós precisamos da terra demarcada. Tem empecilho? Tem! Mas nós vamos lá! E quem vai nos ajudar? É a tecnologia.”

Cacique Jamopoty

“Toda cultura, ela se modifica. Nos tempos de hoje, lógico, nós estamos modificado, assim também nossa cultura se modificou. Aí algumas pessoas dizem assim: 'mas eles não vivem mais a cultura de antigamente...' Eu digo: 'Claro! Mas se tudo mudou!' Hoje nós estamos no mundo da tecnologia. Porque nós somos índio nós não vamos poder viver esse mundo? Aprender? Nós não podemos usar um celular? É lógico que nós podemos!”

Jaguatey



Viver para o movimento é ser guerreira.

“Quando a gente começou o movimento, éramos só mulheres, por incrível que pareça éramos só mulheres. Eu fui professora lá na comunidade de Serra Negra, eu era uma das professoras, depois veio outras. Mas a força da mulher era muito grande, a maioria das nossas lideranças eram todas mulheres, poucos homens. Mas com o passar do tempo elas também se desanimaram. A família, foram perdendo muita coisa, umas os filhos foram sendo assassinados, e aí elas forma desanimando do movimento das mulheres, dentro desse movimento Tupinambá. Mas ainda é forte, eu continuei, não saí, continuei sendo cacique. (...) Elas ainda são fortes, você vê nelas que elas tem vontade. Às vezes elas falam meio com medo ainda. Mas a gente vai buscar essas mulheres guerreiras. Porque elas deixar sua família e viver para o movimento isso é muito guerreira.”

Cacique Jamopoty

O índio Tupinambá tem o máximo respeito com a natureza

“O índio que é Tupinambá mesmo, que ele tem no sangue indígena Tupinambá, que realmente ele é Tupinambá, ele se aprova como índio Tupinambá, ele tem que ter todo amor, todo o carinho, todo o respeito, de máximo a máximo, com a natureza. Um Tupinambá não destrói a natureza de jeito nenhum. Se ele for pra tirar um remédio, tirar uma casca que é ferindo a árvore, que fere né (...) tira, mas na mesma hora que ele tirou o tanto que ele quer, ele pega a terra, cospe na terra, faz aquela lama e passa na madeira. Pra que aquilo? Aquilo é pra proteger a natureza e aquela árvore não morrer. E sempre tirando as casca na direção onde o sol nasce que é na direção da praia, nunca pode ser pra cá, porque se não mata a árvore. Se mata a árvore que é o remédio, não vai fazer efeito nenhum. Então bem Deus deixa essa lição. A árvore que morre não vai servir pra remédio, não vai dar em nada, vai dar em vão. Então pra não acontecer isso em vão, a gente tem que amar a natureza, respeitar a natureza, e saber se dar com ela.”

Pajézinho





Hoje só se vê terra medida!



"Essa história dos índios ficar sem essa força da terra, é porque eles não tinham um bom conhecimento, os índio de antigamente não tinham aquela leitura, não conhecia. Então chegava um dono de loja, chegava em Olivença, botava um negocinho, e ali eles pegava a vender, aqueles negocinho, e os índio pegava a comprar. Aí quando chegava aquele tempo que eles iam prestar conta, os índio não tinham dinheiro, aí eles chegavam e diziam: 'Bom você não tem o dinheiro pra me pagar, então eu vou ficar com essa roça que você tem aí.' Aí eles já aceitavam, mas não tinha documento, não passava documento, aí eles entravam ali e dali eles iam criando, porque eles tinham poder. Aí eles iam fazendo crescendo aquela roça, fazendo a pastaria, quando pensava que não, dizia: 'Isso aqui é meu! E aqui ninguém entra mais!' Aí o índio ia pra onde? Aí só tinha que se afastar. Chegou um tempo de não ter mais aquela quantidade de índio, que eles fizeram com que os índio corre, se afastar do lugar que morava. Então a situação foi essa. E aí foram se espalhando, cada vez mais chegando gente, e foram crescendo a medição. E hoje, você só vê terra medida! E os índio se afastaram porque não tinha mais como eles entrar prali porque se entrasse eles ficavam ameaçando: 'Você não entra aqui, se você entrar aqui eu vou botar você na cadeia, se não vou fazer uma bravura com você.' E aí os índio saíam fora. Foi assim que começou os índios se afastando do lugar que moravam. Hoje tem índio, mas tão tudo esparramado. Hoje tem Tupinambá em São Paulo, tem Tupinambá no Rio, tem Tupinambá em tudo quanto é canto. Porque eles ficaram sem as terras deles através disso aí."

Seu Rosalvo



Potyra Tê



RETOMADA E AUTODEMARCAÇÃO

O principal instrumento de luta pela conquista do território entre os Tupinambá de Olivença é a retomada. Ela é a forma que os indígenas encontraram para pressionar o governo para que o território finalmente seja homologado. O Estado tem se recusado à dar continuidade ao processo de demarcação que já sofreu, inclusive, diversos retrocessos nos últimos anos. A alternativa encontrada a esta situação pelos Tupinambá de Olivença foi a autodemarcação:



"Demarcação foi um procedimento inventado pelo Estado brasileiro, que existem várias fases de delimitação, pra colocar os índios num espaço delimitado. (...) Existem prazos para que esse processo siga, não está sendo cumprido os prazos que o próprio Estado inventou. O próprio Estado criou essa lei e ele mesmo não cumpre com o que ele mesmo diz. Então diante dessa inércia do estado, diante do estado não cumprir com o seu dever de demarcar as terras indígenas, nós estamos fazendo a nossa autodemarcação. O que é isso? Nós estamos ocupando este espaço onde o próprio estado disse que pertencia aos Tupinambá de Olivença."

Potyra Tê

O mapa do território Tupinambá elaborado pela FUNAI é utilizado pelos indígenas para a escolha das terras a serem retomadas. As ações são realizadas em propriedades situadas dentro do território, de acordo com este mapa. Esta carta geográfica gerada pelo conhecimento científico e pelo Estado, neste caso representados pelo órgão que trata da questão indígena, é neste processo reapropriada pela luta, tomando um novo significado. O mapa georeferenciado, produzido pelo governo, acaba por se tornar realmente importante quando é transformado em instrumento de luta pelos que vivem o território. Nesse sentido, o processo de retomada não se limita a um território físico, a retomada é uma dinâmica de criação, organização e determinação dos novos rumos da vida Tupinambá pelos próprios indígenas. O processo burocrático de demarcação por parte do Estado não tem valor sem o autoreconhecimento dos Tupinambá desse território.

"Quando a gente vê uma área que está dentro do território a gente temos cuidado, pra que a gente não atrapalhe a justiça e que a gente não possa passar das limitações, que foi delimitado esse território. Então a gente procura saber melhor, consulta o mapa, vai às margens dos rios, nas áreas molhadas também, e quando a gente tem certeza que está dentro do território, aí sim, a gente faz as retomadas."

Cacique Acauã



“Eu espero que cada Ponto de Cultura se afirme pela verdade, tenha fé e coragem para atuar com o seu trabalho, para que nós possamos mostrar ao mundo que nós ainda existimos, que nós ainda estamos aqui, nós ainda precisamos de muito crer dos governos que estão aí. Eles acham que não existem mais indígenas, mas nós estamos ainda vivos, mesmo com todos os embates, com todo sofrimento, com toda angústia, com todas as mortandades que existe em nossa comunidade.”

Mayá

O Patrimônio tem que ser da comunidade

“O nosso território tem que ser registrado no nome do nosso povo e não no nome da União porque fomos nós que derramamos nosso sangue, perdemos nossas vidas, de nossos antepassados, pra reconquistar ele. Nós queremos ser donos do nosso território, e toda a luta que fizemos até hoje foi pra garantir o patrimônio da União. Esse patrimônio, a partir de agora, ele tem que passar a ser da nossa comunidade. Estamos se preparando pra caminhar em busca desse direito e a gente tem certeza que a gente vamos lutar junto pra conseguir reconquistar o território pra comunidade. E aí nós vamos escolher qual é o nosso dia do índio.”



Cacique Nailton

Tenho orgulho do que sou

“Eu acho que tem muito preconceito ainda com a gente indígena. Às vezes tem gente que não gosta mesmo de índio, a gente sofre muita discriminação com isso, a gente é muito discriminado por isso. Agora, eu mesma, sou índia, tenho orgulho do que eu sou, nunca neguei pra ninguém o que eu sou. Eu tenho orgulho da minha raça. A minha mãe me ensinou assim: 'tenha orgulho do que você é, com sofrimento, com alegria, com tristeza, você tem que ter orgulho do que você é.' Então eu cresci assim, eu tendo orgulho do que eu sou.”



Maria de Fátima

Em primeiro lugar é o ritual

“A minha preocupação é muito grande com referência à cultura do nosso povo, à cultura do nosso território, porque eu sei de plena certeza que o pai Tupã é só um, os homens é quem modificam a maneira como chamar por ele. E aí a gente está preocupado, eu mesma estou muito preocupada com essa situação, o cacique Nailton está preocupado. Todas as atividades que nós, o grupo Muniz, vai fazer em primeiro lugar é o ritual. A gente sabe que isso aí é riquíssimo pra gente e a gente tem que se fortalecer. É com a força do pai Tupã e o nosso ritual que nós vencemos, e estamos vencendo aqui essa guerra da comunidade Pataxó Hã-hã-hãe. Então, isso é muito forte para nós indígenas.”

Mayá

Pra Deus e o mundo ver

“A internet pra gente foi a grande novidade que os não-índio hoje já tem contato, e a gente quer ter mais ainda. Pra quando a gente ter o ritual da gente, o toré, a gente estar divulgando pra todo mundo ver, pra Deus e o mundo ver. Porque tem muitos que fala que não é índio o povo de Pau Brasil, e a gente somos índio sim. Por isso, eu acho importante ter internet, porque a gente tendo internet no Ponto de Cultura, quando tem o ritual, a gente estar divulgando. Pra todas as aldeias ver a gente também e a gente ver o ritual deles também. Conhecer sem precisar sair daqui da aldeia da gente pra ir pra outra aldeia.”



Tainã

“O povo diz que índio não pode aprender a tecnologia, índio não pode ter celular, índio não pode ter máquina. Mas eu acho que índio pode ter tudo, porque hoje já estamos sabedores daquilo que nós queremos. E nós necessita da tecnologia pelo seguinte: todos os acontecimentos que tem dentro da nossa comunidade, se nós não jogar lá fora, não jogar no ar, conversar com a tecnologia, que é um meio de comunicação, ninguém vai saber o que é está acontecendo com a gente aqui dentro dos matos. (...)

Então pra mim isso está sendo uma riqueza muito grande, então é por isso que estou sempre guerreando pelo Ponto de Cultura, pela tecnologia perto de mim, pra eu colocar os meus jovens, as crianças que estão perto de mim, ao meu lado, pra aprender a manusear, a fazer alguma coisa e dizer o que é que eles desejam, o que é que eles querem desse mundo de hoje, dessa história de hoje. Porque hoje é diferente do ontem: ou a gente brinca com essa tecnologia aí ou a gente dança, não podemos ficar também pra trás.”



Mayá

RECONQUISTANDO OS DESEJOS ATRAVÉS DA AMIZADE

No território Pataxó Hã-hã-hãe está sendo atualmente gestada uma grande inovação nas formas de luta do movimento indígena no nordeste. Após a vitória da reconquista de seu território, por meio de um longo e difícil processo de retomadas, foi iniciado um trabalho que busca juntar, por meio da troca de experiências e saberes, diferentes povos e culturas que se encontram em processos de luta por seus territórios materiais e imateriais. A ideia é que diferentes movimentos possam redescobrir e reconstruir suas histórias e práticas coletivamente, para que a partir desta união possam conseguir dar uma resposta mais potente aos governos e aos interesses privados que ameaçam seus modos de vida.

“Os sem-terra junto com os índios, os quilombolas e os sem-teto, a gente podemos fazer uma agenda dos problemas que tem pra resolver e procurar se juntar, pra juntos a gente resolver e reconquistar os desejos de cada um, as reivindicações de cada um, para o seu bem estar no dia a dia.”

Cacique Nailton

As terras do território Hã-hã-hãe foram utilizadas por muito tempo por fazendeiros, somente como pastagem para gado. Isso, ao longo do tempo, devastou a terra, dificultando muito o plantio de culturas tradicionais indígenas. Contudo, através da amizade e do trabalho coletivo, posto em prática por meio de mutirões e imersões com os sem-terra e quilombolas, foram iniciados plantios agroecológicos na busca por alternativas que possam romper com as lógicas e resultados dos usos que os fazendeiros davam a terra. Como relata Mayá:

“Não pensar só em criar boi, porque boi é pra milionário e fazendeiro. Porque nós tem que pensar na cultura da terra, plantar o milho, o feijão, abóbora, a batata doce, o quiabo, como eu plantei tudo isso embolado nessa terra aí, e hoje eu já estou colhendo. Já colhi feijão, já estou colhendo abóbora, já estou colhendo batata, já comi milho, já dei milho a um bocado de gente... e a gente está fazendo aí esse trabalho pra ver se fortalece mais a nossa cultura a cada hora, ver se fortalece também as nossas amizades, nossos trabalhos. É um povo só que luta pelos mesmos direitos, os sem-terra, o pessoal dos quilombos, todos vem nessa mesma luta, guerreando, gritando, por terra para trabalhar. Porque sem terra a gente não tem vida, a gente vive da terra.”

Além desses intercâmbios com outros movimentos, outra ação que tem como base a ajuda mútua é a troca de experiências e saberes entre os povos indígenas sobre os processos de retomada e organização política. Como uma extensa família, não é raro que indígenas de diferentes povos e regiões se organizem para ajudar e as vezes socorrer seus parentes, mesmo distantes, nos seus processos de luta. A fala de Cacique Nailton evidencia essa prática:

“A gente tamos aqui sempre procurados por outras comunidades, pra reunir, pra contar como é que foi as retomadas. Eu já fui chamado pra ir no Mato Grosso do Sul lá no povo Terena, já fui três vez, já fui nos Guarani-Kaiowá lá em Dourados, visitei várias aldeias Guarani lá no Mato Grosso do Sul... E isso pra gente aqui é um desafio muito grande, de estar transmitindo para essas outras comunidades como foi o nosso tempo de luta, o nosso sofrimento, e que hoje a gente tem várias e várias vitórias. A vitória da reconquista do território, a vitória da consciência dos jovens que a gente conseguiu fazer com que eles se formassem em grandes guerreiros, a consciência de que a comunidade hoje sabe que a gente tem que abraçar um como todos.”



“Não é nas letras que eles conseguem tirar o direito do índio? Então é através da lei que o índio também tem que brigar pelos seus direitos. (...) É um sonho meu ver o telecentro dentro da minha comunidade, porque os índios vão se informarem, conhecer os seus direitos, de quem são as obrigação com nós: qual o trabalho do município com a gente, qual o trabalho da SESAI com a gente, qual o trabalho do estado com a gente. Então o meu sonho é de ver os jovens se informarem, porque nós índios muitas vezes somos enganados por falta de informação, por não ter o estudo, e aí eles vem com as pastinha na mão, de gravata com palavras bonita, que o índio não sabe nem o que significa.”

Marcelo

Pro corte de cana só vai quem tem coragem mesmo

“O corte de cana a gente sai de casa três e meia da manhã pra ir cortar cana chega no serviço as cinco. Aí toma um cafezinho básico, aí pega no pesado, trabalha até quatro, quatro e meia da tarde no máximo. Aí quando é a tarde, o cabo da gente, o encarregado, vai medir a cana. Faz a cubação, pesa por metro pra ver o quanto nós ganhamo durante a tarde. É assim, o salário do corte da cana é muito baixo, deveria ser mais respeitado pelos pessoal mais grande, porque o pessoal trabalha muito e ganha pouco. Só ganha quatro reais por tonelada, é um absurdo! Pra pessoa tirar doze tonelada a pessoa se rela muito. (...) E a roupa da gente é tudo fechado calça, bota, casaco, blusão, a cara toda mascarada, boné árabe, que o que vem até embaixo pra não queimar o pescoço no sol. E faça chuva faça sol é a mesma coisa. No sol de onze hora, doze hora, a pessoa fica todo melado, o carvão, o braço chega a ficar na carne viva de tanto trabalhar. Mas tem que trabalhar, porque se não trabalhar como é que vai se manter? (...) não tem outro serviço aqui pra gente fazer, a gente tem se manter da cana mesmo, do corte da cana. Tem que ir pra alguns povoado fora pra trabalhar no corte da cana. É muito duro, o corte de cana só vai quem tem coragem mesmo. A pessoa sai de casa arriscando a vida por essas terra aí afora, chegando lá o cara pode levar um corte numa perna num braço, é muito arriscado. Mas a gente tem que se manter.”

Valdeir

O digitório é como se diz no ditado: uma mão lava a outra

“O digitório é assim: a gente vem, aí vem mais dois três de outra família, vem ajudar aqui. O pessoal de fora que pode paga diária, a gente que não pode, que somo da roça mesmo, vem dois três parentes pega nesse trabalho aqui e ajuda a gente. E quando a gente termina essa vamos pagar o que o parente veio fazer, vamos pagar do mesmo jeito, esse é o chamado digitório. É como se diz no ditado: uma mão lava a outra. É esse o falado digitório. É assim que a gente trabalha. (...) No início da farinhaada vem o plantio, aí a gente planta espera doze meses pra tá boa, pra arrancar e começar a lida. Depois de doze meses a gente chama os parente que tem roça também e eles vai mais a gente, determinado dia, a gente marca a data, aí todos que tem roça vai mais a gente, na casa da gente, rancar. Aí ranca e traz no carro de boi pra cá (na casa de farinha). Aí vem as nossas parente, as indígena e raspa. Aí depois da raspagem vai prali pro coxo. Se for a doce, relando hoje no outro dia já começa o trabalho do meximento. Essa é farinha doce que é a que o branco mais conhece. Quando é a azeda, prolonga mais um tempo lá no coxo. A azeda que é farinha do índio mesmo, essa é que é a pura, essa é que a boa.”

Cassiano

Quem sabe como é a realidade é quem está na comunidade

“Os funcionários da SESAI gostam de trabalhar com número com essa coisa de estatística, que eu nem sei dizer. Mas a realidade aqui é outra. Quem trabalha mesmo é quem sabe como é a realidade é quem está na comunidade. É importante que a gente consegue um motorista índio, porque se alguém adoce qualquer hora da noite a gente sabe que ele tá na casa dele, porque ele mora lá. Então isso pra nós já é uma vitória. Você pega a técnica de enfermagem índia, e os índio tão estudando... se formando em enfermagem, em dentista... E isso incomoda eles porque é mais fácil eles dominar um médico branco, um dentista branco. Aí quando eles vai falar com o dentista que mora na aldeia com o técnico de enfermagem que mora na aldeia, ele vai falar: não vou fazer porque eu tô vendo a realidade lá como é. Eles quando fazem lá o projeto deles eles não mandam uma pessoa pra estudar pra ver como é a realidade da comunidade. Vem de lá, enfia na goela aqui e os índio tem que aceitar isso.”

Marcelo



No inverno é a roça, no verão, o artesanato

"O inverno aqui pra gente começa de Abril pra Maio, é quando a gente começa a trabalhar na roça. A gente planta mandioca, milho, feijão, batata, é sempre o popular da gente. Aí vai até o mês de agosto, setembro, aí já é o que a gente chama aqui de enxugamento de terra. Aí nós já vai colher. Dependendo da produção da roça da gente, quando dá pra vender, nós vende, quando não dá, é só pro consumo mesmo da gente, e dos parente, que a gente sempre troca, a gente ajuda. A gente troca dia uns com os outros. Aí depois quando vai chegando o mês de setembro já vai começando a chegar o verão, é o período quente pra gente aqui, é quando eu começo a fazer artesanato, pra poder viajar, de setembro até fevereiro. Eu vou fazendo devagarzinho, pra levar depois."

Manuel

Cacique Itapó

Indaiá

OCUPAR A FUNAI, OCUPAR A FAZENDA, OCUPAR A BR

A ocupação de instituições, ou ainda 'espaços do poder' de uma forma geral, como maneira de rachar os muros do silêncio e descaso é uma prática comum entre os indígenas no nordeste. Durante seu processo de luta pelo território, o povo Karapotó Plaki-ô usou diversas vezes dessa prática. O objetivo das ocupações quase sempre é abrir um canal direto de comunicação com o Estado, onde sua presença faz com que seja impossível seguir ignorando-os, forçando assim o diálogo. No processo de retomada de suas terras, diante do sofrimento do povo e da morosidade do Estado na demarcação, os Karapotó fincaram o pé com pisada firme na sede da FUNAI em Maceió e também na pista BR-101, que passa ao largo da antiga fazenda. As dificuldades foram enormes: o acampamento na beira da estrada não contava com comida suficiente nem água potável, e os indígenas adoeciam de fome, calor e também de cólera devido à comida e água contaminada. Na sede da FUNAI tiveram que enfrentar o racionamento do fornecimento de alimentos como estratégia para pressioná-los a desistirem etc. Porém, a força combativa dos Karapotó foi maior, nas palavras de Indaiá:

"Quando nós foi pra Maceió, foi quando nós chegou na fazenda coqueiro. Nós não tava vendo resultado da FUNAI, não tinha ajuda ou um apoio. Aí meu pai (cacique Itapó) pra chamar atenção, pra ver se vinha uma ajuda pra nós, resolveu ir pra Maceió ocupando a FUNAI. Foi metade do povo e outra metade ficou no acampamento. Aí nós passamos lá um mês. (...) nós só saímos de lá quando eles deram uma solução. Mas essa solução num deu, eles achavam que tavam dando uma solução mas não deu, porque ficaram quieto do mesmo jeito. Foi quando meu pai decidiu fechar a pista, aí foi que eles foram se mobilizando pra ajudar."

Após essa luta, a conquista de seu território foi alcançada mas de forma alguma os conflitos terminaram ali. Recentemente os Karapotó voltaram a ocupar a pista para pressionar o governo no cumprimento do projeto de compensação socioambiental, devido ao alargamento da BR 101 que passa dentro de seu território demarcado. A obra está parada no trecho do território Karapotó mas as obras seguem em andamento em outras áreas e a grande cobra, como é chamada a pista, cada vez mais se aproxima, espreitando um bote. Contudo, como relatado por Cacique Itapó, em diálogo com o povo e através da FUNAI, uma espécie de antídoto aos impactos dessa obra foi prometido. O problema é que parece ter sido somente promessas vazias.

"Tá dentro da terra e não cobriu a gente com nada. Só vão trabalhar depois que chegar com o projeto que foi projetado pra comunidade." *Cacique Itapó*

Dessa maneira, as obras na pista seguem paradas e os Karapotó estão certos de que sua presença forte e combativa fará com que sejam cumpridos e respeitados os seus direitos.





“Antes do contato com o europeu, as tribos aqui elas se visitavam culturalmente uma com a outra, principalmente as que falavam a mesma língua, que tinham a mesma cultura. Então quando o europeu chegou com os jesuítas, essas visitas de Xokó com os Kariri se mantiveram. Então quando tinha um ritual em Xokó, os daqui ia pra Xokó, e quando tinha aqui os Xokó vinha pra cá. Quando tinha ritual em Pacatuba em Sergipe, também os daqui ia pra Pacatuba, aqui ia também pra Pankararu, de Pankararu ia pra Fulni-ô... Então tinha esse elo, essa rede de relações. Não é uma rede digital, mas uma rede de sangue, de etnia, de amizade. E essas redes também foram unidas pelo grande cacique Canindé que lutou contra a colonização. E hoje seria interessante a gente unir de novo essas redes através dos Pontos de Cultura pra fortalecer uma tradição que já vem desde antes de ter Brasil.”

Nhenety



Tirar o índio da terra é que nem expulsar o João de Barro

“Nós conhecemos aqui um passarinho chamado João de Barro, conhece? E conhece um passarinho chamado periquito? Aquele João de Barro faz uma casa de barro, ele passa um ano, se possível for pra fazer aquela casa, depois vem um periquito (...), chega e bota eles pra fora, pra eles ir embora. Toma com força, porque ele é mais valente, e vai e toma e faz isso. Foi como aconteceu com a comunidade nossa aqui.”

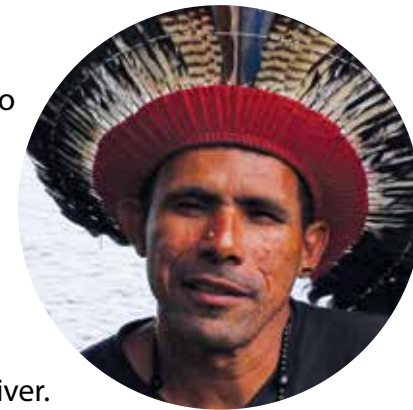
Cacique Cícero

Sentir e ter prazer de usar seu colar, seu cocar e sua maraca

“Há vinte anos atrás o índio tinha medo de usar até um colar ou de dizer que era índio. E os índios trabalhavam muito para os não-índios, às vezes ganhava muito pouco pra passar o dia inteiro plantando arroz para sustentar as famílias. Mas quando começou os índios a saírem pra vender artesanato, se interessar pra fazer seu próprio artesanato, e lá fora teve as pessoas que deu ligância pra aquilo, colocou a gente lá em cima, então isso fez com que a gente vivesse mais e mostrasse nossa cultura. Como o povo lá de fora tava nos ajudando, botando a gente lá em cima, nós mostramos à cidade de Porto Real do

Colégio que a gente não podia mais esconder nossa identidade. Aí foi quando começou os pequenos grupos a fazer seu próprio arco e flecha, colares etc (...) Hoje é difícil aquele índio que quando vê a maraca balançando que não queira entrar dentro, que não queira usar seu cocar.”

Tawanã



O índio na mata vive, na cidade ele sobrevive

“O objetivo do ser humano, do índio, é buscar sempre a felicidade, a paz, viver. O índio na mata ele vive, o índio na cidade ele sobrevive. E o que é sobreviver? É a correria, pegar coletivo, trabalhar, cumprir um horário numa fábrica trabalhando... ele não tá vivendo ele tá cumprindo um pensamento capitalista de acumular riquezas e trabalhar anos e anos contribuindo com o INSS e tal. Quando ele vai se aposentar ele não vai ter tempo mais de viver, o homem com 60 anos vai viver mais 60 anos? Ele contribuiu 35 anos e ele vai viver mais 35 anos? Bote 60 anos com mais 35 anos ele vai viver 95 anos? Ele não vai! Então o índio não! Ele tem todo o tempo para viver. Ele senta numa fogueira, conversa com o pai, vai pescar, vai conviver com sua família diariamente e o dia todo.”

Nhenety

Toda a garantia, toda inteligência, vem do ritual

“Os nossos velhos eram tolos por uma parte, mas por outra eram sabidos. Os jesuítas sempre só queriam a doutrina deles (...) mas os cariris enganavam eles. Eles moravam na beira do rio, eles viviam na beira do rio, e os jesuítas no colégio de pedra deles, que eles fizeram, construíram. E eles nas ocazinhas deles ao redor. E eles, pra ir pra religião, diziam: 'Padre deixa a gente pegar uma caçazinha! É só peixe, peixe, peixe... deixa a gente ir caçar! Libere um grupo! Não vai todo mundo não, libera um grupo.' Aí eles dizia: 'Tá bom, vão!'. Aí era seis quilômetros de lá pra lá, tudo isso era mato, eles (os padres) nunca acertavam onde é que eles tavam. Só que aí eles ia, tirava duas, três, quatro noite nos deveres deles e, na véspera deles vir embora pra cá, eles tiravam uma noite de caça e arrumava a caça que tapiava os padre. Porque caça aqui tinha em todo canto! Foi por isso que nós nunca perdemos. Os branco invadiram, foram tomando tudo, mas esse setor toda vida foi respeitado, graças a Deus, até hoje. E hoje é que tá sendo ainda mais respeitado porque tem mais gente pra garantir. Antes, eles eram só, sem conhecimento, sem nada, mas hoje, graças a Deus, temos mais quem garanta lá o setor. (...) E digo: tem que se concentrarem pra irem pra lá, é nessa relação que a gente se acha forte. Mas todo o nosso fortificação, toda a garantia, eu sempre digo isso: nós só traz de lá praqui. Aqui nós temos muito entretenimento e tudo isso, mas eu como pajé digo que toda essa garantia só sai de lá. Sua inteligência, tudo, só sai de lá. Mas também é o seguinte: pra aquele que confia, acredita e convive ali dentro.”

Pajé Suíra





O Brasil é completo de povos indígenas

“O Brasil ele é fortalecido, ele é completo de povos indígenas, principalmente no nordeste, no estado alagoano ainda tem índio. Eu sei que algumas das pessoas quando me vê usa aquele certo preconceito através do olhar, tendo uma certa visão de que eu não pareço, de que eu não sou índio, mas eu sou índio com muito orgulho! E digo pra todos, o dia que eu deixar de ser índio eu morrerei, porque eu não preciso mais viver. E isso eu levo até os últimos dias da minha vida. Sou índio Kariri-Xocó com muito orgulho.”

Ryakonã



O IMPORTANTE É DAR TODAS AS CHANCES À PAZ

“Nós ocupamos aqui 31 de outubro de 1978. Dia dois de novembro saiu no jornal: 'Mil índios armados ocuparam a fazenda modelo'. E aí a cidade torcia pra nós ser expulso daqui, torcia contra nós. Eles dizia: 'você nunca vai ganhar, essa terra é do governo federal'. Em época de ditadura... Mas a gente ficou (...) e aí quando começava o avião a andar o povo começava a falar: 'vai ser expulso agora! Vão jogar bomba!' Quando nós chegou aqui com o presidente da FUNAI, rapaz, veio tanto carro de polícia! Muito carro de polícia, reportagem de Alagoas. Eu fiquei com medo né? Porque eu era adolescente, mas ele veio e deu esperança a gente que a gente ia ficar na terra.” *Nhenety*



Os Kariri-Xocó, depois de muita luta, conseguiram parte da demarcação de seu território. E mesmo com o histórico de ódio que a população da cidade de Porto Real do Colégio nutria sobre os indígenas, relatado acima por Nhenety, assim como os ainda presentes conflitos, hoje, há uma relativa paz entre essas populações. Essa paz, ainda segundo Nhenety, não veio à toa, pelo contrário, ela é fruto de um processo ativo, regido por anos a fio, de sistemática quebra de preconceitos. Para tal, os Kariri-Xocó buscam a todo momento gerar espaços de bem-estar entre índios e não-índios, buscando dar todas as chances à paz. No processo de negociação da delimitação do território, os Kariri-Xocó fizeram questão de deixar a vila e outros pequenos povoados do entorno fora da demarcação, com o intuito de evitar maiores conflitos com a população não-indígena da região. Desde então, os indígenas se dedicaram a criar um ambiente de cooperação com a cidade. Tawanã diz que:

“O povo de Porto Real do Colégio e da região sabe que cada um deles tem um pouco de índio dentro deles, e sabe que se os tataravó deles fizeram isso com os nossos parente, com os nossos antepassados, eles não tem culpa. Então a gente aprendemos e temos que aprender a conviver com eles.”

Assim como essa fala de Tawanã que busca combater a lógica e sentimentos de segregação existem, atualmente, muitos outros exemplos do papel ativo que os indígenas têm na construção da paz, apesar dos conflitos e dificuldades enfrentadas cotidianamente. Nos dias de hoje, o futebol é um dos principais portadores da paz na região. A aldeia Kariri-Xocó, apesar de relativamente pequena, conta com três times de importância local. No futebol há uma grande troca com a população das redondezas, pois os campeonatos são muito populares na região, mobilizando a todos, índios e não-índios. Outro exemplo é a associação de pescadores que se encontra dentro da aldeia, mas que luta pelos direitos tanto de pescadores indígenas quanto não-indígenas da localidade. O xamanismo também joga um papel importante nessa luta, pois muitas pessoas buscam os indígenas para trabalhos de cura e também ensinamentos espirituais. Mas a construção dos caminhos da paz pelos Kariri-Xocó não se restringe à região de Porto Real do Colégio: os grupos de cultura Kariri-Xocó têm uma forte atuação fora da aldeia. São mais de 30 grupos que realizam diversas atividades culturais, entre elas apresentações públicas e um forte trabalho pedagógico em escolas dentro e fora do estado de Alagoas. Esses são apenas alguns exemplos dos inúmeros movimentos praticados para a criação e manutenção da paz pelos Kariri-Xocó.



Maria d'Ajuda

“Dentro do Ponto de Cultura da nossa comunidade da aldeia Dois Irmãos eu quero valorizar a minha comunidade, as pessoas que já trabalham que sabem fazer o trabalhos de oficina. Eu faço colar ou brinco, outras fazem crochet, o bordado, outra trabalha com variedades de beiju, horta, plantio, variedades de plantio que tem. Dentro da minha comunidade, eu gostaria que seja valorizada através do Ponto de Cultura, eu como estou na frente como coordenadora e monitora, eu estou colocando que eu vou valorizar as pessoas indígenas que moram dentro da comunidade que já fazem esse tipo de trabalho. Então eu quero que ao invés de vir uma pessoa de longe pra dar oficina dentro de minha comunidade. Que eu use essas pessoas que já fazem esse tipo de trabalho que já moram dentro da aldeia, que já fazem também.”



Margarida

Todo mundo aqui tá junto

“Aqui todo mundo somos uma comunidade e estamos aqui ajudando o outro e sempre vamos ajudar. A gente mexe com cultura, e eu estou aqui pra poder ajudar com o Ponto de Cultura, com o jardim, com a horta, com plantação, pra tudo o que der e vier. O Ponto de Cultura é o espaço onde a gente pode fazer todo mundo junto, e eu que coloquei as flores na entrada!”

“A gente partiu da vila de Cumuruxatiba pra vir pra cá pra aldeia Dois Irmãos, mas toda a região na verdade é território indígena. Nós vive mais na praia, somos Pataxó da beira da praia. O lado da praia é todo dentro do nosso território aqui, mas lá na rua (*Vila de Cumuruxatiba*) a gente tem pouco acesso por causa dos brancos e dos pousadeiros. A aldeia CAI foi a primeira aldeia, a nossa é mais recente. Hoje a maior aldeia perto de Cumuru é a Pequí. E várias pessoas que moram nas aldeias moravam na vila e saíram porque lá não ficou no território, mas ainda tem parente lá. A gente, eu mesmo e minha família, tentou fazer uma aldeia urbana mas a FUNAI e algumas lideranças foram contra. Daí o velho doou

aquela terra pra mim montar a minha aldeia faz uns três anos. O dono daqui não trabalhava mais na terra porque tava cansado aí doou pra mim logo antes de morrer. E agora o pessoal tá aqui trabalhando a terra. A maioria do pessoal aqui não tem trabalho com salário, o pessoal vive mesmo da agricultura e dos trabalhos temporários no verão. Mas todo mundo aqui tá junto!”

Maria d'Ajuda

Uma tribo pode trazer da sua cultura uma importância para a outra

“A minha ideia era de um intercâmbio com os outros oito Pontos, porque um saber de uma aldeia pode significar bastante para outra aldeia, e quem sabe ganhar um sustento para se manter o ponto, que a gente sabe que é de três longos anos, que tem essa meta dessa verba. Então eu acho que isso é de grande significado porque uma tribo pode trazer da sua cultura um saber e uma importância para a outra. Eu acho isso muito importante, e essa é a minha ideia. (...) Cada um passar em uma aldeia, pra saber os saberes e os costumes das outras pessoas porque daqui a gente pode ter uma visão, mas lá na real a gente já conhece uma outra visão do que a gente já tinha.”



Joelson

Tem que acreditar nas crianças

“Eu não sabia da minha cultura quando eu entrei para o movimento, eu não tinha conhecimento dos meus direito. Por isso eu tento fazer um trabalho de falar pras crianças desde cedo, da cultura. Falo pra eles pra sempre usar o nome indígena, não ter vergonha de sua cultura, saber seus direito. Tem que acreditar nas crianças porque os adultos são poucos que se interessam, para muitos a aula de cultura é algo sem serventia. Mas eu que não cresci sabendo dos meus direito acho que tem que fazer sim. Não tinha ninguém pra falar: 'vocês tem direito, siga esse caminho.' (...) É muito importante a gente estar ensinando a cultura pras crianças porque elas já vão crescendo sabendo o direito delas. Do direito que elas tem como indígena. É uma cultura que já vem de criança, já cresce com aquela sabedoria de que a cultura é uma coisa muito importante pra elas. A cultura é a vida do indígena, é a cultura que nos dá a força pra gente lutar pelos nossos direitos, lutar pelas retomadas. Quando a gente pratica nossa cultura nós nos sentimos fortalecido, então por isso eu ensino as nossas crianças desde agora.”

Maria d'Ajuda





Um lugar onde não tem mulher com certeza não vai pra frente

"A mulher tem importância porque se tiver um lugar e não existir uma mulher, eu tenho certeza que o lugar não vai pra frente. Porque tem muitas coisas que depende muito da mulher, e aqui na aldeia que a gente mora tem muitas coisas que depende muito da gente, porque quem labuta mais e mais é as mulheres. Eu acho que aqui depende muito, muito mesmo das mulheres. (...)

Meu papel aqui na aldeia dois irmãos é ajudar os parentes, a cacica. A gente temos um Ponto de Cultura aqui, e o nosso papel aqui de mulher foi carregar água, pra poder fazer o ponto, nós carregava água no balde do rio até cá em cima, pra encher uma caixa e um bujão. Eu fiz horta já comi da minha da horta e já acabou, fiz um plantio de milho mais Joelson, plantei mandioca que eu tô esperando crescer, pra mim fazer farinha agora. E o meu papel aqui na aldeia é muito importante, porque nós somos guerreira, e é como fala, eu não me troco eu com alguns tipos de homem."

Joca



Educação Diferenciada: uma força para resistência

É muito comum escutar dos indígenas do nordeste, não em só na aldeia Dois Irmãos, falas sobre a importância das músicas, artesanato, língua, jogos, plantio, pintura etc na manifestação da coragem e da força para o enfrentamento dos desafios cotidianos. Trata-se de valorizar a história e os modos de pensar e viver ancestrais indígenas. A cacique da aldeia Dois Irmãos não se cansa de reiterar esta importância. Professora da escola da aldeia, está sempre dizendo aos seus alunos, crianças e adultos:

"A nossa cultura é a nossa força! Quando eu canto as minhas músicas indígenas eu me fortaleço sempre, mesmo quando eu tô muito cansada de reunião em Brasília, a força volta. Quando eu tô com a minha pintura e minhas veste tradicional eles me respeitam mais."

Maria d'Ajuda



Elionai

Nesse sentido, a educação formal é uma forma de luta quando afirma a diferença como positiva, cumprindo um papel importante no fortalecimento e popularização de uma determinada visão sobre o mundo. A educação diferenciada, por sua vez, é gestada pelos próprios processos da luta indígena. Em outras palavras, quando a diferença entra em jogo, há uma retroalimentação entre educação e luta. A educação diferenciada, desse modo, faz parte, do reconhecimento de que outros saberes são importantes, além dos conteúdos obrigatórios impostos pelo governo que atendem normalmente à produção de mão de obra para o mercado de trabalho nas cidades. Contudo, vale ressaltar que a escola mesmo quando atende as particularidades locais não é, de forma alguma, o único ou mesmo mais privilegiado espaço de aprendizagem dos conhecimentos indígenas, já que muito é passado na convivência cotidiana, normalmente dos mais velhos para os mais novos.

Entre os Pataxó, se destaca o empenho realizado no âmbito da educação diferenciada do ensino da língua indígena. Educadores e lideranças Pataxó realizaram um enorme esforço de revitalização das línguas dos povos que habitavam aquela região, por reconhecer que a língua carrega consigo segredos e mistérios. Este esforço deu forma ao idioma hoje ensinado nas escolas, batizado de Patxohã, a língua do guerreiro.

"Faz mais ou menos dez anos que o Patxohã passou a ser ensinado na escola. Hoje os mais novos sabem muitas palavras e podem até conversar. É mais uma maneira de fortalecer nossa luta, é a retomada da nossa língua."

Maria d'Ajuda